

Índice

Boas notícias sobre a família nos EUA.....	1
Historiador ateu valoriza o contributo cristão na Europa	2
Ganhar consciência sobre o clima com a perspetiva do outro	2
A adolescência está no cérebro	3
“La filosofía se ha vuelto loca”	4

Boas notícias sobre a família nos EUA

Embora alguns meios da imprensa e produtos de entretenimento norte-americanos se tivessem empenhado em assinar a certidão de óbito do casamento e da família tradicional, os investigadores Alysse ElHage e Bradford Wilcox referiram no [“USA Today”](#) (30.12.2019) que, durante a década então concluída, a realidade deu origem a mais notícias positivas do que negativas neste tema. E os factos favorecem, particularmente, os filhos.

“Em primeiro lugar, os divórcios caíram. Na verdade, a taxa tem vindo a descer desde que atingiu o seu pico nos anos 80, durante a revolução do divórcio. Segundo a nossa análise, a taxa baixou 25 % na última década até aos números atuais, em que há 15 divórcios por mil pessoas casadas, a mesma proporção que em 1970. E os especialistas preveem que continuará a cair”.

Segundo as sondagens, explicam, os norte-americanos têm-se virado menos para o divórcio, em grande parte porque – e nisto é citado o especialista em estudos de família Richard Reeves – “o casamento moderno não pretende principalmente dinheiro, sexo ou estatuto. Pretende filhos”, motivo pelo qual os casais investem mais em se manterem unidos.

Em segundo lugar, Wilcox e ElHage constataam que desceu o número de filhos nascidos fora do casamento. “Como explicou Lyman Stone no blogue do Institute for Family Studies, embora

os motivos desse declínio sejam complexos, ‘estamos a aproximar-nos de uma década de descida dos nascimentos em lares de mulheres não casadas’”. Concretamente, baixaram de 41 % em 2009, para 39,6 % em 2018.

Por último, os estudiosos anotam que a proporção de crianças que crescem em famílias casadas tem vindo a aumentar, apesar da instabilidade familiar e da monoparentalidade serem ainda muito altas.

“Desde que tocámos no fundo em 2014, constatámos um pequeno aumento na percentagem de crianças criadas pelos seus pais casados. No concreto, o número subiu de 61,8 % em 2014, para 62,6 % em 2019, de acordo com a nossa análise dos dados do Censo. Esperamos que continue a subir nos próximos anos”.

“O que significa tudo isto para as crianças norte-americanas? As crianças criadas pelos seus pais casados desfrutam de vantagens com efeitos duradouros”, como “maior estabilidade económica, maior segurança física, pais mais envolvidos e melhores resultados na ordem psicológica, educacional e social”, concluem.

Historiador ateu valoriza o contributo cristão na Europa

Apesar do aumento de uma certa “nostalgia” por uma antiguidade pagã hipoteticamente “livre de dogmas e preconceitos”, é um facto que o cristianismo transformou para bem a civilização ocidental. Assim o afirma um ateu, o historiador britânico Tom Holland, na sua obra [“Dominion: The Making of the Western Mind”](#).

Na sua resenha do livro, publicada em [“Position Papers”](#) (1.12.2019), o crítico James Bradshaw refere que Holland não pretende empurrar o público a franquear as portas da Igreja, antes o seu exaustivo estudo da sociedade pagã greco-latina levou-o a uma conclusão interessante: “Quantos mais anos tenho vindo a estudar a antiguidade clássica, mais intensamente estranha a descobro”, diz o autor.

“Os valores de Leónidas, cujo povo praticava uma forma particularmente brutal de eugenia e preparava os seus jovens para matar durante a noite os ‘subumanos’, não são nada que possa reconhecer como meu; nem o são os de César, de quem se disse que matou um milhão de gauleses e escravizou outro milhão. Não é só a extrema crueldade aquilo que me incomoda, como a total ausência de consideração de que os pobres ou os fracos possam ter um valor mínimo intrínseco”.

Consequentemente, enumera as execuções públicas de escravos, os combates de gladiadores para diversão do público, o muito difundido abandono de meninas recém-nascidas nos caixotes do lixo, e assim por diante. Salienta Bradshaw que “nada disto foi erradicado de imediato pelo cristianismo, e a continuação da escravatura foi um óbvio e triste exemplo, mas com o tempo, os princípios morais cristãos incrustaram-se de tal forma nas sociedades europeias, que os maiores abusos da Grécia e da Roma antigas tornaram-se impensáveis”.

Como explica Holland, não havia nada no politeísmo greco-romano que fizesse deter um nobre romano no seu propósito de violar a sua jovem escrava, ou a um general, de ordenar que os seus legionários aniquilassem uma tribo derrotada.

O intelectual britânico sublinha na sua obra, além disso, o papel vital que desenvolveu o povo judeu na compreensão de um Deus diferente, cujas ações – na sua maior parte – podiam ser compreendidas, e descreve como a evolução histórica do pensamento ocidental parte, inevitavelmente, da figura de Jesus. Uma realidade que, no entanto, os ateus modernos ignoram, como se os conceitos de “dignidade humana” e “direitos humanos” tivessem brotado do nada.

Diz Bradshaw “haver muito que admirar neste livro, sem menosprezar o facto de um historiador não crente ter investido tanto tempo a examinar o papel positivo do cristianismo na criação de um mundo mais educado, delicado e generoso”.

Ganhar consciência sobre o clima com a perspetiva do outro

A entrada em funções há um ano (7.1.2020) de um governo austríaco de coligação entre o Partido Popular (ÖVP), de centro-direita, e os Verdes, fez emergir a esperança naqueles que veem o ambientalismo como uma causa capaz de transcender as divisões partidárias. No entanto, para que isto seja possível, faz falta mudar a forma como se fala aos que não têm as alterações climáticas entre as suas prioridades.

Esse novo governo federal não nasceu do nada: ambas as forças políticas haviam colaborado anteriormente nos âmbitos regional e local. Além disso, o acordo foi alcançado após quase três meses de negociações, nas quais tanto o ÖVP como os Verdes tiveram de ceder para conciliar as preocupações próprias com as dos seus agora parceiros.

Nenhum prometeu uma legislatura idílica. Mas é interessante que os Verdes não tenham considerado ilegítimos os conservadores do ÖVP por causa da sua posição mais restritiva para com a imigração. Por seu lado, o ÖVP integrou no acordo medidas contra as alterações climáticas reclamadas pelos Verdes.

Agora, a esperança dos ecologistas é que o exemplo seja olhado na Europa. Mas antes, têm de mudar algumas coisas na opinião pública, como a perceção de que a luta contra as alterações climáticas é uma causa de esquerda.

O britânico Ed West, colunista de “UnHerd” (3.1.2020), é um conservador preocupado com o aquecimento global, mas a quem os ativistas do clima suscitam reservas. “Quero que obtenham o maior apoio possível, mas vejo-os a fazer o tipo de coisas que me irritam”. Nomeadamente, discorda do modo como muitos deles abordam o problema, as dispendiosas e desnecessárias atitudes de certos famosos e a agenda anticapitalista de grupos como o Extinction Rebellion.

Ed West considera que no panorama político atual há margem para alianças entre conservadores e verdes, como mostra a coligação na Áustria, ou iniciativas como a Conservative Environment Network, uma organização no Reino Unido que defende em simultâneo a economia de mercado e a descarbonização do modelo energético. O problema, [afirma](#), é que o debate sobre as alterações climáticas está a ficar capturado na dinâmica das guerras culturais.

O mesmo pensa Katharine Hayhoe, codiretora do Centro Climático na Texas Tech University, para quem o ceticismo sobre as alterações climáticas tem muito a ver – pelo menos, nos Estados Unidos – com a polarização política.

Daí que tanto West como Hayhoe aconselhem os ativistas do clima a reverem a sua retórica, se não quiserem continuar a afastar desta causa os conservadores.

É o que faz a organização britânica Climate Outreach, que apresenta estratégias de comunicação para ajudar a encetar conversas construtivas sobre as alterações climáticas. Em vez de estigmatizar os céticos, este grupo optou por se interrogar sobre aquilo que os inquieta e como pode ligar a sua mensagem com essas preocupações. Sem ser a panaceia, a sua abordagem tem mais hipóteses de prosperar do que as gastas chamadas para a ação do tipo “o momento é agora”.

Efetivamente, a organização aconselha a mudar a linguagem que insiste na necessidade de soluções urgentes e radicais e, por outro lado, apela ao que é familiar aos que escutam. Por exemplo, num [guia](#) destinado a persuadir os votantes de centro-direita, recomenda atender à sua frustração com o trepidante ritmo de vida contemporâneo, ou à sua nostalgia pela época em que as crianças brincavam ao ar livre, para reviver o desejo de uma vida sustentável e impulsionar uma mudança nos hábitos de consumo.

Sugere igualmente que se parta de assuntos próximos das pessoas – como a poluição do ar nos bairros –, e moderar as mensagens com realismo: mais do que prometer a conquista de um modelo energético 100 % verde numa geração, pede para que se fale com honestidade sobre as vantagens e os obstáculos da transição para as energias renováveis.

A Climate Outreach procura o modo de se fazer entender fora do que designa por “redoma verde”. Por isso, as suas investigações procuram averiguar como pensam os menos entusiastas da causa climática. [Numa investigação de 2017](#), realizada juntamente com investigadores da Universidade de Cardiff, organizaram grupos de discussão com votantes de centro-direita e descobriram duas narrativas sobre as alterações climáticas que não os irritavam: a que defende evitar o desperdício como forma de poupar energia, e a que expressa “apoio patriótico” às tecnologias energéticas nacionais reduzidas em carbono.

Na segunda fase, os investigadores inquiriram mais de 2000 votantes de todo o leque político. E concluíram que essas duas narrativas não só gozam de amplo apoio entre todos os votantes, como além disso reduzem o ceticismo entre os de centro-direita. Pelo contrário, o discurso centrado na “justiça climática” tem menos atração para o votante médio e só atrai o eleitorado de esquerda.

Para lá do debate sobre as alterações climáticas, esta investigação é um exemplo de como levar a sério a posição do outro pode beneficiar o progresso da causa própria.

J. M.

A adolescência está no cérebro

Fervor emocional, necessidade de identificação com o grupo, despertar sexual, ânsia de experimentar... A adolescência é uma etapa de instabilidade e amadurecimento, de perigos e de oportunidades, como sempre se soube. A ciência atual permite entendê-la melhor.

Agora, comprova-se que os traços típicos do adolescente têm a sua base no processo de desenvolvimento cerebral próprio dessa idade. A Dra. Natalia López Moratalla, professora catedrática de Bioquímica e Biologia Molecular, resume no seu último livro, [“El cerebro adolescente”](#) (Rialp), os dados científicos, e tira consequências práticas. Explica algumas nesta entrevista.

— *Que tem de especial o cérebro dos adolescentes?*

— O cérebro na etapa da adolescência é especialmente “plástico”, modificável e, portanto, pode ser vulnerável. É o momento do seu amadurecimento: o recebido pela herança genética, e especialmente pela atenção que o adolescente tenha tido durante a infância, começou a construir a arquitetura e, com isso, a funcionalidade do cérebro.

Então, e ao compasso das hormonas sexuais, que disparam com a puberdade, as vivências, experiências, decisões... são determinantes para estabelecer a “cablagem” do cérebro, as ligações entre os neurónios.

No final desta etapa, o cérebro deverá ter adquirido uma estrutura típica e própria da idade. Os défices dessa arquitetura traduzem-se muitas vezes em transtornos psicológicos, que observamos cada vez mais.

— *Por que é que durante a adolescência acontece uma espécie de ebulição das emoções? Será uma anomalia, ou uma fase do desenvolvimento pessoal?*

— A força das emoções “à flor da pele” pressupõe uma grande oportunidade para o amadurecimento pessoal. Todo esse gosto e atrativo que sentem os adolescentes pelas emoções fortes, pelo inovador e excitante, a busca constante de sensações, etc., embora possa levá-los a situações perigosas, não é necessariamente algo negativo. Pelo contrário, sem elas não teriam o impulso vital para se abrirem ao mundo, nem potenciariam a curiosidade para conhecer, para definir os interesses pessoais e alcançar as suas próprias convicções morais.

Ao longo do tempo, o cérebro adolescente sofre uma onda de amadurecimento que vai da nuca à testa e de baixo para cima. Todo o sistema emocional – no centro do cérebro – amadurece antes do sistema racional frontal. Justamente, o grande desafio desta etapa é ir unindo emoção e cognição. Para isto, têm de

ser criadas as fibras de ligações neuronais que unem as correspondentes regiões cerebrais.

— *Haverá diferenças significativas no desenvolvimento cerebral entre as raparigas e os rapazes na adolescência?*

— Há já diferenças cerebrais na fase fetal e muito claras na primeira infância, na qual se produz um banho do cérebro nas hormonas sexuais. Ao longo da adolescência, os quatro lóbulos e as diferentes regiões do córtex amadurecem a ritmo diferente neles e nelas. Também amadurecem de forma diferente três das regiões subcorticais envolvidas na memória emocional (hipocampo), na avaliação dos estímulos em positivos ou negativos (as amígdalas cerebrais) e nos estímulos sexuais (zona do hipotálamo).

Estas diferenças traduzem-se no facto das raparigas amadurecerem mais rapidamente as regiões do córtex frontal que processam a linguagem, o controlo do risco, da agressividade e da impulsividade. Nos rapazes, as regiões do lóbulo inferior parietal, cruciais para as tarefas espaciais. Nelas, há uma primazia nas relações com os outros e, neles, o sexo e o desporto.

— *Adolescentes houve sempre. Observa algumas peculiaridades relevantes nos de hoje, dificuldades e pontos fortes que não tinham os de outros tempos?*

— Sim, mas nunca tiveram tantas dificuldades; o que não significa que alguns sejam uma causa perdida. Em todos os tempos, os adolescentes quiseram saber *como eram, quem eram*. Os de hoje também. Querem que lhes falem das características da sua geração e, sobretudo, que sejam ouvidos sobre o que têm a dizer sobre si mesmos, sobre as alterações climáticas ou sobre a própria vida. Foi dito destas gerações que não querem ouvir teorias, e menos ainda teorias “moralizantes”. Para dialogar é preciso estar em sintonia com as suas formas de viver, sentir e pensar.

Querem que lhes proporcionem experiências reais, de vidas reais, mais que argumentos. Ajuda-os, dizem, ouvir testemunhos de outros, que, após uma desorientação total e uma vida destroçada em comportamentos de risco, venceram ao mudarem de estilo de vida. Bibliografias breves de pessoas corajosas em condições difíceis, que é outra forma de testemunho.

São vulneráveis, como sempre, mas, além disso, sofrem de solidão. Entender essa peculiar vulnerabilidade exige curar as feridas a tempo, para que possam confiar em alguém. E que esse alguém possa ajudá-los a ter a esperança de que também para ele ou ela é possível encontrar sentido para a vida.

Em muitos existe o anseio de “encontrar o seu pai”, de redescobrir os valores paternos que lhe sirvam de guia e estabeleçam hierarquias no seu interior.

R. S.

“La filosofía se ha vuelto loca”

“La philosophie devenue folle”

Autor: Jean-François Braunstein
Ariel. Barcelona (2019)
312 págs.

Jean-François Braunstein propôs-se neste ensaio fazer um caminho pelos temas clássicos da reflexão moral aos quais alguns pensadores de hoje (como Peter Singer, Donna Haraway, Judith Butler, entre outros) tentaram dar resposta. Passa assim em revista as contribuições de um conjunto de autores de enorme prestígio que renovaram, e nalguns casos fundaram, três inovadoras disciplinas: os estudos de género, a ética animal e a bioética.

Em contracorrente, Braunstein não tem dúvidas em afirmar que muitas das ideias que estes autores propõem sobre o género, os animais ou a morte roçam o absurdo, apesar do sucesso que têm e de serem, como confessa com pudor, os filósofos mais lidos atualmente.

O autor evita criticar os pressupostos teóricos nos quais se baseiam, mas explica os motivos que os levam a subscrever determinados postulados e, sobretudo, debruça-se sobre as diversas contradições nas quais incorrem. Seguindo uma ordem temática, explica as teses de John Money, fundador da ideologia de género, que defende que este último é uma construção cultural. Ou ironiza sobre a tão renomada Judith Butler, defensora da abordagem *queer*, para a qual não só não existe o sexo, como nem sequer o corpo. Mas, como se mostra nestas páginas, desvincular sexualidade, corporalidade e género pode dar lugar a situações disparatadas. Com efeito, se tudo depende da imagem pessoal que venhamos a ter do nosso corpo, porque seria então errado pedir que nos amputassem membros sãos à nossa vontade, pergunta o professor francês.

No campo da ética animal, refere-se a Peter Singer, criticando-lhe a sua decidida defesa dos direitos dos animais em contraste com a pouca estima que parece mostrar pelos seres humanos mais vulneráveis. Também analisa os contributos de Donna Haraway, que pretende apagar as barreiras entre espécies e chegar a uma classe híbrida. O que assombra o autor é que muitos especialistas em bioética estejam mais preocupados em refletir sobre a morte do que sobre a vida boa ou a justiça. Neste sentido, salienta que a eutanásia dessacraliza a morte, transformando-a num problema meramente técnico.

Se há algo que se pode concluir da leitura desta obra, escrita com ironia e estilo próximo, é que muitas das propostas da filosofia contemporânea constituem uma revolução antropológica e modificam substancialmente a conceção da pessoa. Isso ocorre, ao fim e ao cabo, quando se obscurece a relação entre

corpo e sexo, se apagam as diferenças entre homem e animal, ou se defende que nem todas as vidas têm o mesmo valor. Pode ser que as intenções daqueles que levaram a filosofia à beira da loucura sejam boas e pretendam aliviar o sofrimento, mas Braunstein mostra-se preocupado: por serem os autores mais influentes e citados do momento, as suas ideias podem minar o senso comum e pôr em risco o futuro do homem.

L. A.

